

BLECAUTE

Uma Revista de Literatura e Artes



Cezanne - Mont Sainte-Victoire Seen from Les Lauves

Ano 1 - N.1 - Nov. 2008

BLECAUTE

Uma Revista de Literatura e Artes

Campina Grande (PB) - Ano 1 - N.1 – Nov. 2008

ISSN: 2238-930X

EDITOR:

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio.

gaudencio_bruno@yahoo.com.br

Editoração Eletrônica:

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio.

Janailson Macêdo Luiz.

NOTA

É permitida a reprodução total ou parcial desta edição online de Blecaute, desde que sejam respeitados os direitos autorais dos seus colaboradores. Os textos ou fragmentos de textos reproduzidos devem ser citados adequadamente. É vedado o direito de qualquer cobrança pela reprodução desta edição.

SUMÁRIO

EDITORIAL: *Blecaute: a Escuridão que nasce literária: -*

Bruno Gaudêncio. p.5

CONTO: *Instante – Janailson Macêdo. p.7*

COLUNA: *Os Escritores – Franklin Jorge. p.10*

POEMAS – Samelly Xavier. p.12

ENSAIO: *Nas Trilhas das solidões dos velhos no tempo*

presente - Carlos Alves. p.20

CONTO: *Agridoce – Simone Marques. p.31*

COLUNA: *Estômago: uma história de lamber os beijos -*

Isolda Herculano. p.34

POEMAS – Selmo Vasconcelos. p.36

CONTO: *Membro Fantasma - João Matias de Oliveira*

Neto. p.38

ESTANTE: *A Prostituta Sagrada (Nancy Qualls Corbett)*

– Ricardo Kelmer. p.43

O Prazer dos Olhos: Ensaio sobre cinema (François

Truffaut) – Mirella Burity. p.43

POEMAS – Francisco Cabral Júnior. p.44

PERFIL: *A Transnegação de Arnaldo Xavier– Bruno*

Gaudêncio. p.48

BLECAUTE: A ESCURIDÃO QUE NASCE LITERÁRIA

Já faz alguns anos que eu pretendia produzir uma revista literária. As dificuldades foram e continuam inúmeras até os dias atuais, entretanto desta vez não “escapo” de realizar esse sonho. Minhas ações serão concentradas a partir de hoje na busca interminável por uma experimentação sem limites, numa luta simbólica pelas oportunidades mínimas que por ventura aparecerem, tudo isso para expressar “a nossa” imensa capacidade inventiva e criativa. A única alternativa neste momento foi fazer essa revista em PDF, mandando para o mundo através dos e-mails da vida. Mas esse é o primeiro passo!

Nesta revista literária minhas influências e amizades culturais estarão presentes como nunca, misturadas às pequenas obras de minha autoria. Contos, reportagens, perfis, ensaios e poemas, de autores dos mais experientes aos mais contemporâneos; de nível local ao nível nacional, todos mergulhados nesta escuridão literária chamada BLECAUTE!!

Neste primeiro número, o destaque maior será o perfil do esquecido poeta campinense e militante negro Arnaldo Xavier. Excineclubista no final da década de 1960 em Campina Grande, Xavier foi para São Paulo no início da década de 1970, onde se tornou um intenso agitador cultural e membro do movimento negro paulistano. Morto em 2003, sua obra poética e ensaística se

mantém praticamente desconhecida em todo o Brasil, inclusive em sua cidade natal: Campina Grande.

Neste mesmo número traremos as colaborações dos meus grandes amigos e brilhantes jornalistas Franklin Jorge e Isolda Herculano. Ainda colaboraram com contos os jovens Janailson Macêdo e João Matias de Oliveira. Este último um já premiado ficcionista. Outra contista colaboradora neste nosso primeiro número é a educadora Simone Marques, outra jovem e promissora escritora, autora de alguns livros.

Além de contos, temos um espaço privilegiado para a poesia, com a publicação de poemas de Samelly Xavier, Francisco Cabral Júnior e do já reconhecido Selmo Vasconcelos. Com um ensaio emocionante publicamos ainda o jovem historiador e próspero ensaísta Carlos Alves, escrevendo sobre a solidão dos velhos. Temos ainda a colaboração no quadro Estante, -um espaço permanente para dicas de leituras, - dos amigos Mirella Burity e Ricardo Kelmer.

Tenham uma ótima leitura meus caros amigos, e que o BLECAUTE dure vários números da nossa escuridão literária.

Campina Grande, 27 de Outubro de 2008.

Bruno Gaudêncio

gaudencio_bruno@yahoo.com.br

Editor

INSTANTE

Por Janailson Macêdo

De um lado, “Ele”, quase imóvel, com o corpo apoiado no muro atrás da parada de ônibus. Enquanto o transporte para casa não chega, seus pensamentos vagam por uma atmosfera longínqua, inominável, morada da imaginação dos que foram contagiados pela nostalgia típica da hora do retorno ao lar. Ao seu redor, em um cenário rotineiro de princípio de noite, centenas de pessoas lotam a calçada, o trânsito flui devagar e carros congestionados buzina freneticamente.

Do outro, “Ela”, a caminhar suavemente pela mesma calçada em que “Ele” se encontra. Por onde passa, “Ela” vai canalizando as atenções de homens e mulheres com o seu gingado sinuoso, semelhante a uma brisa que durante o fluir transitório acaricia a pele dos privilegiados que lhe surgem no caminho, e logo depois segue adiante, deixando para estes últimos apenas a recordação do bem estar gerado por sua discreta passagem. Talvez “Ela” esteja retornando agora da universidade, do trabalho, de um passeio, das compras... Talvez esteja apenas flutuando por aí, em busca de novos admiradores.

De repente, graças à intuição, acaso ou algum outro fator desconhecido, “Ele” e “Ela” deslocam de maneira simultânea os olhares até o mesmo ponto intermediário, focalizando um ao outro por cerca de dois segundos, e iniciando, sem planejar, a tessitura do prólogo de um sublime espetáculo.

Ao perceber que “Ele” não vai mudar tão cedo a direção do olhar, e constatar está diante de um observador à altura do valor de sua arte, “Ela” resolve lançar mão de uma de suas melhores performances, há tempos guardada a espera do público certo.

Simulando desdém pelo outro, “Ela” deixa de fitá-lo e desvia o olhar para frente, como se priorizasse o trajeto a percorrer. Em seguida, como se

tivesse visto se estender um longo tapete vermelho diante de si, aproveita o espaço entre duas pisadelas no chão para, quase ao mesmo tempo, erguer a face e o busto, encher o tórax de ar e segurança, reprogramar o mover de mãos, braços, pernas e quadril, prender um pouco a energia e, por fim, desfilar. Nem tão rápido, nem tão lento, no ritmo preciso, “Ela” levita. Parece até mesmo, à moda das grandes estrelas, disposta a nunca perder qualquer oportunidade de brilhar, seja em badaladas passarelas na Europa, seja em luxuosos palcos na Broadway, seja em uma simples calçada onde se enfileiram diversos pontos de ônibus.

“Ele”, por sua vez, se sente esnobado com a mudança repentina que “Ela” dá a direção dos olhos. No entanto, logo reconhece o paradigma que orienta a atuação da sua discreta cúmplice e passa a agir como se estivesse no interior de uma dessas apresentações nas quais os espectadores participam ativamente e influenciam a performance dos artistas.

O mecenas sabe que seria um crime desperdiçar um ato sequer deste desfile exclusivo, já que instantes como este são escassos durante o seu cotidiano. Por isso, “Ele” meneia a cabeça e os olhos evitando deslocamentos bruscos que possam prejudicar a focagem da admirada. Desta forma, todo o desenho corporal da desfilante - que vai ficando mais nítido à medida que “Ela” se aproxima – passa a ser percorrido e apalpado pelas pupilas do atento observador: curva a curva, relevo a relevo, detalhe a detalhe. A visualização é dificultada apenas pela falta de treinamento dos figurantes: transeuntes que não param de agir baseados no improviso e bloqueiam parte do ângulo de filmagem da cena.

Enfim, a apresentação chega ao seu clímax. “Ele” vê, a cerca de um metro e meio de si, o perfil de um corpo que parece ter sido criado para a satisfação de seu espírito. Sua alma é atravessada, neste momento, por um fluxo volumoso de energia límpida e curativa. Suas dívidas, seus sonhos não realizados, as pressões que sofre em seu trabalho, a luta diária pela sobrevivência, o resto do mundo... tudo é por um instante esquecido; tudo o que não é aquele corpinho belo que corta o ar bem diante dos seus olhos fica por um instante relegado a outra dimensão.

Mas este arco-íris de cores tão intensas logo começa a desaparecer. Ao transpor a linha simbólica à frente do ponto em que “Ele” se encontra, “Ela” finaliza a rápida atuação e provoca a já esperada ruptura no relacionamento. Embora seu ego ainda se delicie com os efeitos prazerosos colhidos durante o auge do desfile, “Ela” logo começa a sentir a euforia íntima se arrefecer, fazendo seu comportamento retornar, lentamente, a quase espontaneidade habitual.

No ato final da peça instantânea, como é de praxe, “Ela” segue em frente e não dá sequer um aceno em retribuição aos aplausos silenciosos do espectador solitário. “Ele”, em contrapartida, não liga para a falsa indiferença daquela que o presenteou, ao fim de um dia repleto de batalhas, com um show particular, cheio de graça, beleza e plasticidade. Como não pode retê-la ao seu lado, conforma-se em acompanhá-la com os olhos, até vê-la se misturar as pessoas comuns, e desaparecer, anônima, no meio da multidão.

Janailson Macêdo (Paraíba)

janailsonmacedo@hotmail.com

Contista e Estudante de História.

OS ESCRITORES

Por Franklin Jorge

Disse Faulkner que um escritor, se for um bom escritor, será arrastado por demônios, perderá a paz, a decência, o orgulho, a honra, a felicidade e a segurança, desde que possa escrever, pois a arte não tem nada a ver com paz e alegria. A impiedade seria um dos atributos mais notáveis do escritor que se compraz em sua arte e se mantém, permanentemente, ocupado.

Nadine Gordimer concorda que os escritores são impiedosos e devem sê-lo por necessidade. Principalmente o escritor casado e com filhos, que os sacrifica em favor da realização de uma obra que exige, tiranicamente, disponibilidade de tempo para concatenar-se em forma. Tempo para observar. Tempo para ler. Tempo para pensar. Tempo para escrever. Tempo para submeter-se a infinitas revisões... Tempo, tempo, tempo – um dos principais ingredientes que uma obra requer para realizar-se.

Ninguém [completaria Gore Vidal] se torna um grande escritor sem ler muito. Por isso existem muito poucos grandes escritores, afirmou Isaac Bashevis Singer, no outono de 1968, a Harold Flender. Ele confessa nessa entrevista que nunca escreveu em paz, porém nunca ficou aborrecido por ser incomodado enquanto escrevia. Para ele a interrupção inesperada muda às vezes a perspectiva e amplia os horizontes. Contudo, achava desaconselhável ao escritor o exercício da crítica. Escrever uma resenha ou outra, tudo bem, mas reiteradamente, por ofício, acabaria transformando o escritor em ensaísta. Mas, há exagero nisso.

Baudelaire já acusara – com sofrido conhecimento de causa — a terribilidade que permeia e instrui os bastidores do gênio. Sua vida é, neste

aspecto, exemplar e, a sua obra, o resultado de humilhações e angústias com as quais se mortificou e escreveu, para maior glória da literatura, até morrer, no colo da mãe, hemiplégico e afásico.

Remy de Gourmont – com o irmão, autor de um jornal literário famoso, no qual toda a vida cultural de Paris, em sua época, está consignada –, escrevendo a Ezra Pound, afirma que o único prazer do escritor consiste em escrever francamente o que pensa. Talvez consolasse o próprio Pound, que reconhecia ter frustrado sua capacidade de ganhar dinheiro por não saber ficar calado o bastante.

Céline viveu o suficiente para constatar que os escritores foram substituídos por impostores. Após uma vida de miséria – viveu até os dezoito anos comendo unicamente macarrão todos os dias, em todas as refeições –, o autor de *Morte a Crédito* [1936] e de *Viagem Dentro da Noite* [1932], reconhecia não saber como agradar aos leitores, “essa gente com quem você precisa ser gentil”. Como resultado de curiosidade e esforço, Céline enfiou a palavra falada na escrita, influenciando a partir daí escritores os mais diversos, como Sartre, Queneau, Henry Miller e Kerouac.

Nunca pensou em ser escritor. Nunca pediu alegria. Nunca sentiu alegria. Para ele, que conciliou a literatura com o exercício da medicina, sempre clinicando para uma gente muito pobre, a felicidade seria estar sozinho à beira-mar, comendo muito pouco, quase nada, sem eletricidade, lendo o jornal á luz de vela. Num lugar onde ninguém pudesse vê-lo.

Franklin Jorge (Rio Grande do Norte)

franklinjorge@yahoo.com.br

Escritor e Jornalista. Autor de mais de 10 livros. Vencedor do Prêmio Luis Câmara Cascudo em 1998.

POEMAS DE SAMELLY XAVIER

A má fama dos poetas

Só um não-poeta diz o que é ser poeta.

Um poeta se assusta quando assim o chamam.

Palavrinha besta, estéril, muito desgastada.

Um sonhador, um avoadado, um contador de estrelas fáceis.

Só um não-poeta sabe, de fato, o que é ser poeta.

Um poeta que é poeta se amedronta com esse nome.

Matéria prima de seu work: word.

(Oh, God!, Make the wor(l)d and the wor(l)d made itself)

Só um não-poeta teoriza sobre o fatigado poeta

Um poeta de verdade está ocupado em ser poeta, não cria teorias.

O eterno e etéreo amor se concretiza no poeta.

(qualquer que seja ele: o poeta, o amor...)

Só um não-poeta categoriza, classifica, caracteriza um poeta.

Um poeta é atropelado todos os dias e ninguém vê.

Ah, é claro, e há os que estão poetas.

Cinco minutos de coma patético/poético que todo mundo carece/merece.

Só um não-poeta tem seus momentos de se sentir poeta.

O desgraçado, entregue, subordinado e dependente poeta

não consegue a impercepção necessária a manutenção da constância.

O poeta não consegue, e nem se atreve a tentar, ser indiferente

Um poeta vê com o cheiro daquilo que é tátil.

E se cala até que um outro poeta indescoberto

o desvende num vendido livro qualquer.

Abrem-se suas páginas e vêm a tona, novamente, suas verdades preto e branco.

A vida é uma gota (se de lágrima ou de mar, eu não sei).

*“Se você me perguntasse o que mais me espanta na vida,
é o fato de como ela passa rápido”(S.D ou M..B)*

A vida, por exemplo,
entre não posso e não devo,
escorre nos bueiros inventados

A vida poluída precisa se livrar de mim
(eu preciso me livrar de mim!)

A minha vida deve ser de outro alguém,
comprada em três vezes
sem entrada, sem saída
sem juro e sem juras de amor novela das oito

A vida tem de bater no meio do mar,
Laia, laia, laia, laia.
Ah! Se eu fosse um peixe, seria sereia.

Viver caaaaaaansa,
Viver dá esperança.

O cansaço é um senhor cabisbaixo dizendo não posso
A esperança é uma menininha mimada dizendo eu quero
Viver é o intervalo, e quem espera sempre cansa.

A vida é minha carcereira e, estranhamente,
eu tenho todas as suas chaves.

Adentrando

“Dentro de nós há uma coisa sem nome.
Essa coisa é o que somos” (José Saramago)

Dentro de mim,
E de ti também – conforma-te
Há uma coisa que grita, ri, silencia e chora
Há uma coisa que explora
E outra que consola
Há uma coisa boba que rima bobo
(que nem agora)

Dentro de ti há uma coisa
que combina comigo, até quando não é preciso
Quando não é permitido
Nem garantido
(Senhor Protetor das rimas pobres: valei-me)

Dentro de mim, há umas coisas...
Anomalias anominais
E talvez por isso
é dentro, é só dentro de mim
que vejo um palhaço choroso,
uma prostituta recatada,
um poeta insensível
e melancólico que nas horas vagas
destoa palavrões e finge amor por educação

Dentro de ti,
Ah, eu lembro bem dentro de ti!
Há uma canção que embala sonhos
e acorda pesadelos, sem o menor compromisso
Há uma bailarina de caixinha de música
que me acorda, timidamente, todas manhãs
Há, dentro de ti, tanto, tanto que não cabe
E vem para mim no formato de fantasmas suportáveis

Então, eu e tu esvaziamos espaços
e sem aparato, adentramos no vácuo
para só então – em paz, em paz
esquecermos nomes, datas, coisas
Neste estalo, te enxergo
e tu és. Em mim.

Brincando de brinquedo

Eu não tenho vocação pra adulto
Nem pra adolescente,
Nem pra qualquer coisa que não pule amarelinha
Não sei quem é Marx,
Nem vou com a cara da palavra capitalismo
Eu não gosto de capitais, eu adoro o interior

Não me perguntem quantas línguas eu falo
Eu só falo a minha. E não aceito estrangeirismos
Não me importo com príncipes encantados
Meus castelinhos de areia continuam intactos

Não sei mentir pra impostos
Não me sinto imposta a nada

Não tenho experiência
E só sei sorrir porque é bom.

Tarefa de casa ou de classe é sempre tarefa
E pra mim, primeiro o lazer, depois o trabalho
Não me acordem, nem me digam de que horas dormir
Se é pra sonhar, eu sonho,
e não me responsabilizo por conseqüências

Joguei fora os esparadrapos do coração
Volto a chorar as ardências nos joelhos
e é claro: não mando o dinheiro se fuder
porque palavrão é pecado

Cansei de ser boneca, fantoche, casinha, papai e mamãe
me resumo a expansão
antes cedo do que tarde
e nesta vida tudo que quero é um sorvete de chocolate

Conto sem fadas

Para meu SER

Era uma vez uma menininha já velhinha
que um belo dia, andando de salto alto pelo bosque-vida
afundou em terras inférteis.
Os lobos, todos maus, são lobos do homem
e riram dela até caírem seus dentes podres.
Se não fosse a fada-mãe (a madrinha estava muito ocupada),
ela estaria lá até agora.

A menininha encheu de lágrimas a cestinha que carregava

“Pra que tanto lobo, meu Deus, pergunta meu coração
porém meus olhos só fazem chorar”.

Ela não entendia porque passarinhos – tão livres –
deram de comer logo seus pedacinhos de pão marcadores de caminho
Apelou para as pedras, mas elas cresceram,
cresceram
e cresceram num país sem maravilhas
e viraram rochas reveladoras de labirintos.

A menina, coitada, não sabia muito de nada
Não engolia que preferissem comê-la a saboreá-la
E por isso, deixou revoltada a madrasta:
preferiu Mc Donald com batata frita à maçã envenenada
Resultado: a menina fez plástica e a madrasta quebrou o espelho mágico
(sete vezes sete anos de azar, sem perdão).

A menina vivia cansada.
Se fosse só sete era bom, mas ela conhecia tanta gente de raciocínio anão
que cansava
Bruxas eram tantas, sempre disfarçadas com sorrisos enfadonhos
Tinham tanto perfume e tanto “bom dia, querida” que cansava
Ela ia sempre pela estrada afora levando doces pra vovozinha,
conselhos pras irmãzinhas,
um copo d’água pras visitinhas que cansava
Fazia feitos des-heróicos
que cediam espaço para feitiços alheios.
Por tudo isso cansava de cansar, tadinha!

E por praga inafiançável do pior bruxo de todos, o Tempo
ela dormiria tantos anos quanto solidão sentisse.
Assim foi, até que um dia (nem belo, nem feio – inexpressivo)
um sapo gasguita veio acordá-la aos gritos

anunciando a chegada do seu príncipe que por sorte era hetero e fiel
Encantador também era,
sem cavalo nem bicicleta
lhe tomou num abraço-abrigo inesperado
e, em seguida, num beijo matinal, arco-íris despertador
Foram embora. Foram felizes.
Se pra sempre não nos contaram, mas sem dúvida, gratuitamente.

Rastros de mim

Por onde eu vou, eu deixo rastros
Riscos n'água em alma alheia
Risos fartos de intenção benevolente

Por onde eu vou eu deixo pedaços
De mim, dos outros, restos de astros
Incandescentes e inconstantes

Por onde eu vou eu me deixo pasto
Rasteira, gata borracheira
presente em sapatos apertados

Por onde eu vou eu me deixo
Me entrego à domicílio
Não me aceito em devoluções

Por onde eu vou eu não me acho
E se me acharem, bem, se me acharem...
Não há recompensas pra quem me achar

Por onde eu vou?
A pergunta é:

Por
Onde
Eu
Vou?

Eu vou, eu vou, ao/por teu encontro,
agora eu vou...

Não me incomodo!
A estrada é toda tua,
mas os rastros são sempre meus

Samelly Xavier (Paraíba)

simplesmentesamelly@yahoo.com.br

Poeta com três coletâneas de poemas publicados. Os poemas escolhidos
foram retirados do seu último livro: ETC.

NAS TRILHAS DAS SOLIDÕES DOS VELHOS NO TEMPO PRESENTE

Por Carlos Alves

*Certas conversações duram tanto tempo, que não sabemos mais se ainda fazem parte da guerra ou da paz. A experiência da Velhice é hoje de uma extrema solidão. Mas ninguém sustenta, esta é, relegada, depreciada, zombada, cortada pelo poder, deportada para fora de qualquer interesse social. Nada mais lhe resta senão o seu lugar de solidão? Historicizemos esses lugares de enunciação. As páginas que se seguem pensarão sobre a experiência da solidão na velhice, levando-nos a buscar a fabricação dessa subjetividade, a partir de enunciados orais, na cidade de campina Grande. Antes de tudo, fique-se claro que, ao buscar a experiência da solidão, não a tomaremos como uma experiência determinista para os mais velhos, por acreditarmos na experiência do Fora, como um plano de resistência à solidão... Resistência no sentido de encará-la, e transformá-la. Um dos sofrimentos para os que estão envelhecendo é perceber que não há ninguém que os acompanhe nessa nova fase. *Eles falam sobre a morte e os outros logo desconversam. "bobagem, você logo estará bom..."*. E eles então se calam, mergulham no silêncio e na solidão, para não incomodar os vivos. Só lhes resta caminhar sozinho para o fim. (Cf. ALVES, 2001, p.75)*

A experiência do Fora constitui um espaço de força criativa, esta força não vem de dentro, mas também não espera do mundo exterior a oportunidade de acontecer, é um força do Fora, de um plano imanente, uma força que está para além do complexo poder-saber, esta força vem desse Fora e só a ele retorna, afinal de contas é o nosso duplo é a linha do Fora, e é essa linha que dobramos, e não cessamos de dobrar quando nos interessa criar outros estilos de vidas. A subjetivação é a operação que dobra o Fora, mas não tomemos esta operação como um abrigo, um lar, um quarto, um teto onde corremos para nos proteger da tempestade, esta operação é o caminho

de enfrentar a linha (Solidão) e de cavalgá-la: talvez se vá à morte, ao suicídio (Cf. DELEUZE, 2006, p. 141). Precisamos descobrir, como e para onde as experiências se prolongam, como elas funcionam e para o que servem, quais as engrenagens que põem em movimento, as suas linhas de fuga.

Só escrevemos a partir de uma pressão do Fora. A partir do instante em que a nossa escrita coloniza relatos, cartas, bilhetes de velhos, embora fazendo referência as suas solidões, nada mais já é do que um Fora; em signos, em significados, em letras, em páginas, em linguagem, em monumentos de papeis, que dobramos ou não. A operação historiográfica que escreve sobre o percurso dessas solidões, tratará de subjetividades esfrangalhadas, fragmentadas, assim sendo esta operação romperá a forma de uma unidade de qualquer essência do SER da solidão dos velhos. Escrevo sobre solidões de velhos para dobrar o Fora, *assim como faz o navio com o mar* (Cf. CORAZZA, 2006, p.28). Fazer da solidão uma experiência do Fora, agindo sobre forças, resistindo a velhas potências, fabulando novas potência para assim entender como pode a velhice tornar-se um querer-vir-a-ser-solidão. A cultura diz: *‘Dá-me teu corpo e eu te dou sentido, faço-te nome e palavra do meu discurso’* (Cf. JOSGRILBERG, 2005, p.51). As estratégias tomadas pelas operações que tratam da organização dos espaços sociais, tem como principal procedimento a exclusão do outro, em nossa sociedade geralmente as pessoas que viveram mais de 60 anos são convocadas a ocupar este lugar, de excluído, de outro. No ocidente a escrita tem um poder estridente de encarnar suas leis: corpos de adjetivos, (No Marrocos eles não costumam usar adjetivos, eles nem destrói nem lisonjeia o imaginário. *Ele suporta mal toda imagem de si mesmo, sofre ao ser nomeado (...) uma relação que se adjetiva está do lado da imagem, do lado da dominação, da morte* VELHO, NÃO SERVES MAIS!) (BARTHES, 2003, p.55): textos de carne e osso, corpos que produzem um texto! Corpos que quando jovens são a imagem da própria vida, brilhantes, coloridos, tudo é justificativa para sua existência se constituir como um ser de estética. Mas quando se passam alguns anos as cores vão se diluindo,

criando tons mais acinzentados, onde a tela da vida passa a ser pintada de ilusões. Nada mais lhes restam senão gritar de solidão?

Em alguns países da Ásia e África os sujeitos de mais idade são valorizados posto que são significados como mestres da vida por possuir sabedoria acumulada em virtude do longo tempo que já viveram, nessas sociedades é construída uma *parrhesia*, ou seja, uma coragem da verdade, uma vontade de Ser, um falar francamente que não é lógica nem lei é ética de existência, liberdade de falar e ser francamente velho. Assim como na lenda Grega de Ariadne e Dionísio, onde nesta, a amada de Dionísio morre e ele continua a viver, mesmo sofrendo, pois este sentia paixão em viver, ele certo estava que o que aconteceu, aconteceu para sempre e nada poderia mudar, o que aconteceu é afirmado por Dionísio mesmo em face da mais cruel dor, o que aconteceu, aconteceu para a eternidade. A vida para Dionísio é santa por si própria deve ser motivo de afirmação, de *parrhesia* de coragem de falar e encarar francamente, pois o presente é o eterno retorno!

Nessa pesquisa além de trabalhar com as Solidões na velhice que é o nosso objetivo primeiro, trabalharemos também com aqueles idosos que constroem para si um campo distinto da Solidão, um espaço diferenciado, uma *parrhesia*, um enfrentar a si e ao outro, nesse segundo objetivo procuraremos entender que planos éticos constroem para si ou se, se instalam num já construído, plano assegurador de sua existência autônoma, responsável pela fuga da solidão, arte de viver francamente, dobrando o Fora, recriando-se nele próprio.

A velhice: tardes chegando, apresentando fluxos de adeus, pensamentos de solidão, silêncio falante, lembranças de parentes, e outros. Voltando para casa ao ascender as luzes olha em volta e ver só um vazio, o terror da noite, trancam-se em casa, presos em gaiolas onde muitas vezes só a morte pode libertá-los, porque aí não estamos falando de corpos engaiolados, mas de almas, e estas, geralmente, só a morte liberta. *Mais perturbadores que os espelhos são as fotografias. O espelho só conhece o presente. Não tem memória. Não consegue “salvar” imagens. Retirando o*

rosto, a imagem desaparece. As fotografias ao contrário são imagens congeladas. (ALVES. Op. Cit. p.36)

A fotografia para Barthes é o espaço onde encontramos a imagem da morte. Colocando lado a lado o rosto que antes era com o que hoje é, o antes e o depois nos impõem uma comparação que faz sofrer. O medo de morrer, nostalgia que acompanha a foto, a vontade de chorar diante da beleza que se foi, desespero ao ver a velocidade com que passa o dia. O findar do dia é como o findar da vida. No processo de subjetivação outros ao envelhecer preferem se desmemoriar um pouco, (ver menos fotografias) procurando ver beleza no tempo presente mesmo correndo o risco de ser considerado louco: *vá visitar os ipês. E diga-lhes que eles tornam o seu dia mais belo. Eles nem ouvirão e nem responderão. Estão muito ocupados com o tempo de amar, que é tão curto. (ALVES. Op. Cit. p.49)* Portanto, pensaremos na produção das solidões na velhice, e também nas tecnologias de si, como os sujeitos depois de velhos conseguem transformar as suas vidas tal qual uma obra de arte a desempenhar, desenvolver... Em curtas palavras é um projeto sobre o sujeito idoso e sua relação com a solidão; com a vida... Como se fábrica está solidão e como ultrapassar essa linha, esse limite?

O código Penal Brasileiro no seu artigo 96 prescreve pena de prisão de seis meses a um ano e multa para aquele que discriminar pessoas idosas, ou impedir seu exercício de cidadania, ou seja, prever pena de prisão para aquele que desdenhar, humilhar, discriminar por qualquer motivo inerente a idade.

O núcleo psicossocial do Ministério Público (NUPS) realizou balanço em Janeiro de 2007, em Campina Grande e diagnosticou casos de maus-tratos envolvendo, com freqüência, idosos nesta cidade. Este problema não é inerente apenas a idosos que pertencem a famílias pobres de Campina Grande, verifica-se problemas semelhantes em famílias que possuem um bom poder aquisitivo, informou Antônia Lacerda dos Santos, assistente social do NUPS. Desde sua fundação, há 15 meses, já foram registradas 128 reclamações, sendo 99 por negligências e maus-tratos a idosos e pessoas com deficiência. Entre os casos que mais chamaram a atenção do NUPS está o de

uma senhora, com 92 anos de idade, mãe de dez filhos, que encontrou dificuldades até conseguir alguém que se tornasse responsável por ela. A partir dessas denúncias a equipe do NUPS faz ainda um trabalho com os familiares desses idosos, objetivando conscientizá-los sobre as responsabilidades destes. O NUPS faz anunciar uma descontinuidade nos discursos e práticas não se trata mais de uma disciplina policial, mas de um controle social, educativo, a orientação substitui a repressão. No entanto o caos que a experiência dos idosos traz para esta cidade a qual tem um problema particular com a velhice, é uma questão social a ser resolvida. Cidade que traz uma resistência particular ao antigo, mostrando uma precária utilização do Estatuto do Idoso. No início deste ano, as constantes agressões contra os idosos levou Câmara Municipal de Campina Grande debater requerimento solicitando ao Governo do Estado a criação da Delegacia Especializada de Proteção ao Idoso.

Esta é uma pesquisa que recusa a uma temporalidade linear do presente. O que não se diz ser uma curva metodológica para a sociologia, antropologia ou jornalismo, mas uma opção teórico-metodológica por uma genealogia das práticas de si que interrogue as relações que fazem a experiência da velhice de extrema solidão, assim romperá a mesmidade do presente conectando-o as linhas da história. Em que política da verdade de si as experiências dos idosos são construídas dentro de uma forte solidão? Faz-se necessário historicizar as redes de contingências destas solidões fazendo uma problematização histórica do presente, posto que as solidões são históricas! Uma história genealógica preocupada em fazer aparecer às descontinuidades que dão a velhice toda uma experiência de solidão.

Fazer uma problematização das solidões na velhice a partir de uma história das subjetividades, não nos deixa entender estas solidões meramente enquanto um problema econômico ou sociológico, muito menos como uma noção homogeneizadora e linear de causa e efeito. Pretende-se

uma história que desnaturaliza seus efeitos, **tornado-a possível enquanto um inventário das solidões a partir da velhice em Campina grande no tempo presente.**

Ao tornar-se signo da velhice o sujeito percebe que ausência não é falta, ou seja, não há falta na ausência posto que esta é um estar nele. O sujeito envelhecido parece ter os mesmo sintomas do sujeito amoroso Barthesiano. O que ausente está do seu espaço físico, presente se faz na mente, estando este ausente em estado de eterna viagem, nômade, já o sujeito das solidões, é aquele que lá está imóvel, é sedentário, dependente de um passado, de uma lembrança, *à espera, plantado no lugar, em sofrimento, como um pacote num canto obscuro da estação* (Cf. BARTHES, 2007, p.35). O Velho é aquele que fica, e a ausência pode ser dita só a partir dele- e não de quem partiu- a sua juventude. O velho é sedentário-o jovem é viajante. O velho sustenta o discurso da ausência a partir de sua solidão, o seu passado está ausente, tornando o presente um pedaço de angústia. A solidão segura *a cabeça debaixo da água; pouco a pouco sufoca, o ar se rarefaz* (BARTHES. Op. Cit. p.41) As pessoas que chegam a velhice, para elas é construído um plano de solidão, é como se a vela estivesse se apagando, é um espaço de profunda ausência. E dela, da velhice não conseguimos fugir, é como a geada que chega queimando a uva, é como o tempo que vem trazendo ares de morte, é o sol se pondo, são os dias mais curtos, é memória do rosto que se foi, objeto que só se tem o vazio, é frasco de perfume que só resta o cheiro na memória, é a foto se apagando, é profunda solidão!

Em sua aula inaugural em 1977, Barthes, nos faz anunciar que ninguém se reconhece velho: *percebi então com estupefação (só as evidências podem estupefazer) que meu próprio corpo era histórico*, embora o espelho acione todos os dias que estamos velhos isso demora a ser entendido. BARTHES: *Meu corpo é bem mais velho do que eu, como se conservássemos sempre a idade dos medos sociais com os quais o acaso da vida nos pôs em contacto. Portanto, se quero viver, devo esquecer que meu corpo é histórico, devo lançar-me na ilusão de que sou contemporâneo dos jovens corpos presentes, e não de meu próprio corpo, passado.* Sugere Barthes que se deve

esquecer o passado, para se renascer, fazer-se mais jovem do que é. *Com cinqüenta e um anos, Michelet começava sua vita nuova: nova obra, novo amor. Mais idoso do que ele (compreende-se que esse paralelo é de afeição), Barthes diz também entrar numa vita nuova, marcada por um lugar novo, nova hospitalidade. Empreendo, pois, o deixar-me levar pela força de toda vida viva: o esquecimento* (Cf. BARTHES,1978,p.45).

É preciso um gesto, para se descobrir velho, afirma Rubem Alves ao entrar no metrô.

Eu também ia seguro de mim mesmo, até que olhei nos olhos daquela moça e ela olhou nos meus... (...) Era uma jovem. Nossos olhos se encontraram e seu olhar não se desviou. O que é raro. Quando olhos desconhecidos se encontram, eles procuram se defender por meio de um movimento automático: o olhar silencioso do desconhecido é sempre sinistro. Mas os olhos dela não tiveram medo. E chegaram mesmo a sorrir discretamente. Senti-me como Narciso. Eu me via refletido naqueles olhos como Narciso se viu refletido na água da fonte. Minha imagem estava bonita. Aquele sorriso era a garantia de que ela via beleza em mim. E isso é tudo que Narciso deseja - olhos que digam: “como você é belo”! E assim fiquei, suspenso naquele momento romântico, tomado de felicidade (...) Foi então que ela falou. Não disse coisa alguma. Fez um gesto que dispensava palavras. Simplesmente levantou-se e me ofereceu o seu lugar... E a bolha mágica de felicidade em que eu me encontrava estourou, pelo toque de um gesto de gentileza... Miserável gentileza! Eu teria preferido uma grosseria! De fato, a imagem que ela via era bela. Mas que bela: era terna. Gostara de mim. Seu gosto era uma declaração de amor, quase um abraço. Mas a beleza que ela vira não era a beleza que eu desejava. Ela me amara por uma beleza que não era aquela que meu desejo queria ver. Seu gesto gentil destruiu a bela cena que minha fantasia pintara para colocar no seu lugar uma outra, também bela, mas de uma beleza diferente: uma jovem e um velho, manhã e crepúsculo, primavera e outono.

Ela, jovem, bem podia continuar sua viagem de pé. Mas eu minhas pernas deveriam estar cansadas de muito andar pela vida. O que teria ela sentido ao me ver? Saudades do pai já morto? Nostalgia pelo avô? Minha beleza estava pintada com cores crepusculares. Tudo isso foi dito naquele segundo quando ela me obrigou a sentar-me em seu lugar, com o seu gesto irrecusável. (ALVES. Op. Cit. p.18.)

Na citação acima percebemos um sentimento de impossibilidade, de uma juventude ausente, já no texto “Pior Velhice” de Espanca, percebemos um outro tipo de subjetividade: bruta solidão- *sou velhinha e triste. Nunca o alvorecer dum riso são andou na minha boca! Gritando que me acudam, em voz rouca, Eu, náufraga da vida ando a morrer! (...) Tenho a pior velhice, a que é mais triste, Aquela onde nem se quer existe lembranças de ter sido nova outrora* (Cf. ESPANCA, 2007, p.32). Para tentar entender os processos de subjetivações que levam os mais velhos a uma experiência de extrema solidão, precisamos esquecer um pouco as determinadas formas do saber como também das regras coercitivas do poder, *mas regras facultativas que produzem a existência como obra de arte, regras ao mesmo tempo éticas e estéticas que constituem modos de existência ou estilos de vida* (DELEUZE. Op. Cit. p. 123.) (mesmo a solidão faz parte delas) Quais são as linhas que estes velhos estão compondo para suas existências?

Ecléa Bosi, em seu livro *Memória e Sociedade: lembranças de Velhos*, nos leva a fazer a seguinte reflexão: os velhos em nossa sociedade servem para lembrar, e lembrar bem, os velhos são homens e mulheres que já não são vistos como ativos dentro de um sistema social, e a sua função na visão de Bosi é tornarem-se a memória da sociedade e basta! *Haveria, portanto, para o velho uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação de lembrar, e lembrar bem* (BOSI, 2004, p.63), posto que os jovens não se ocupam e nem tempo tem para lembranças, os jovens têm como função social produzir; as lembranças são para velhos, caixas, túmulos de recordações, águias da solidão! Como a memória não é algo que se tenha um lugar de importância em nossa

sociedade acaba-se por haver uma desvalorização e esquecimento por estes que compõem essa nova etapa da vida. Muitas vezes a vida que restam a estes são lembranças decapitadas, de algum belo jardim que viveram. Depois dos 60 anos seus lares são jardins de suplícios (um asilo, uma casa para idosos!), à *deriva*, *perdidos num mundo que dele não pode sair, chave da fechadura quebrada*, suas falas perderam o efeito de verdade. Um mundo sem filhos, sem família, sem tudo aquilo que sempre tiveram, e que agora só cabe no campo da memória, que talvez seja o querer ser o que já não é, deixando o vir-a-ser, aranhando um bocado de dor com a solidão! *E ser-se novo é ter-se o paraíso/É ter-se a estrada larga, ao sol, florida, Aonde tudo é luz e graça e riso!E os meus vinte e três anos... (sou tão nova!)/Dizem baixinho a rir: "Que linda a vida...! Responde a minha dor:"que linda a cova!"*(ESPANCA. Op. Cit. p. 27). É da genealogia dessas práticas de solidões na velhice que este trabalho tratará. A *genealogia das práticas de si* possibilitará trabalhar também como a velhice é usada a partir de memórias, fragmentos, vidas, amores, passado, para instaurar um trabalho de si sobre si, de uso como arte, e não só como dor, saudade, solidão!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Francesco Paolo. A tarefa do intelectual: o modelo socrático. IN. **Foucault a Coragem da Verdade**. Organização: Frédéric Gros. São Paulo: Parábola, 2004

ALVES, Rubem. **As Cores do crepúsculo: A estética do envelhecer**. Campinas-SP: Papyrus Editora, 2002.

ARTIÉRES, Philippe. Dizer A Atualidade: O trabalho de diagnóstico em Michel Foucault. IN. **Foucault a Coragem da Verdade**. Organização: Frédéric Gros. São Paulo: Parábola, 2004

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a Crítica do Sujeito**. Curitiba: editora da UFPR, 2001

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Editora Cultrix, 1978

_____. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Incidentes**. São Paulo: Martins Fontes, 2004

_____. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. **Roland Barthes Por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003

BLANCHOT, Maurice. **Foucault Como o Imagino**. Lisboa: Relógio d'água, 1987

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. **A invenção do cotidiano: Artes de Fazer**. 7ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CORAZZA, Sandra. **Artistagens: Filosofia da diferença e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. & SILVA, Tomaz Tadeu da. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **Labirintos da Pesquisa, diante dos ferrolhos**. IN. **Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. **Os Cantos de Fouror: esrileitura em filosofia- educação**. [Em versão digital], 2007

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: 34, 2006.

ESPANCA, Florbela. **Sonetos**. São Paulo: Martin Claret, 2007

_____. **Afinando Desconcerto: contos, cartas, diários**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

BOSI, Éclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2004.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a Genealogia e a História. IN. **Microfísica do Poder**. 8ed. Organização e tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____ A vida dos homens infames. IN. **Estética, Poder-Saber**. Organização e seleção dos textos: Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Editora forense Universitária, 2003. Coleção Ditos & Escritos IV.

JORGE, Larrosa. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autentica, 2004

JOSGRILBERG, Fábio. **Cotidiano e Invenção: os Espaços de Michel Certeau**. São Paulo: Escrituras, 2005

LUCARINY, José Guilherme Dantas. **A Morte de Deus E A Morte Do Homem No Pensamento De Nietzsche E de Michel Foucault**. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro:UERJ, 1998.

PEREIRA, Auricélia Lopes. **Fluxos de Vida/ Textos de Rua: Passos mendicantes a tecer histórias de astúcias e dor**. Projeto (Doutorado em história).Pernambuco: UFPE, 2005.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. São Paulo: Record, 2003

VEYNE, Paul. **O Inventário Das Diferenças: História e Sociologia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

Carlos Alves (Paraíba)

carlosalvesbrazil@hotmail.com

Estudante de História e Ensaísta.

AGRIDOCE

Por Simone Marques

Anya andava pela praia e a lua prateada refletia na água, o efeito era maravilhoso. A jovem de vinte anos recém completados fazia esse ritual desde que se conhecia por gente. Seu pai, viúvo e professor universitário, sempre lhe dissera que ela tinha um problema sério de saúde, chamavam de *dermatite solar severa*, uma espécie de alergia ao sol, o que a impedia de se expor durante o dia. Isso dava asas à sua imaginação e a fez sorrir com seus pensamentos.

A brisa que vinha do mar tocava sua pele branca, como se uma mão suave a acariciasse. O que aconteceria se resolvesse sair de casa na manhã seguinte? Com certeza seu pai não deixaria, ele sempre trabalhou à noite para que durante o dia pudesse ficar com ela, dar-lhe atenção e ajudá-la a não se sentir sozinha.

Na pequena cidade litorânea onde morava, não havia muito o que se fazer no meio da semana à noite, às vezes uma festa aqui ou ali, mas Anya nunca fora muito apreciadora de festas, era mais uma “*cocooner*”... Naquela semana ela estava de folga das aulas da faculdade onde cursava o último semestre de gastronomia, algum tipo de congresso acontecia, então estava com a noite livre. Anya era uma apreciadora da culinária. Adorava sabores exóticos e picantes e fazia da cozinha de sua casa um verdadeiro laboratório. Seu olfato era apurado e sentia qualquer perfume que se destacasse, principalmente se tivesse alguma coisa a ver com comida...

Um aroma diferente chamou sua atenção naquela noite. Era um cheiro agridoce, uma mistura deliciosa de perfumes doces e amargos, um toque de açúcar e sal. Olhou ao redor tentando descobrir de onde vinha. Algumas pessoas caminhavam pela areia naquele início de noite de lua cheia, mas nenhuma delas transmitia aquele perfume. Procurava alguma barraquinha na praia, mas não havia nada por ali àquela hora. Voltou para

casa e aquele perfume a acompanhava... Pegou uma panela de cobre que mantinha dependurada em uma coifa de inox sobre o fogão, precisava decifrar aquele aroma...

“Agridoce...”, ela pensava nos ingredientes apelando para sua memória olfativa. Quando o pai de Anya chegou, já passava das onze horas e a filha estava diante do fogão, as bochechas rosadas, os cabelos presos em um coque alto e alguns fios pendiam sobre sua testa. Curioso, o pai perguntou se era alguma “experiência” para a faculdade, ao que ela respondeu que era uma “experiência pessoal”. Anya foi para a cama de madrugada atormentada pelo aroma que não decifrara...

No início da noite seguinte, a jovem correu para a praia na esperança de que o vento trouxesse aquele aroma até ela... A lembrança daquele perfume a fazia sentir água na boca...

Desanimada, ela ficou por mais de duas horas sentada ali olhando para as ondas brancas quebrarem na areia e já não acreditava sentir aquele aroma novamente. Levantou-se batendo a mão na calça jeans que usava para tirar a areia, quando aquele aroma chegou trazido pelo vento. Ela correu os olhos pela praia, procurando... Chegava a se assemelhar a um cão perdigueiro na busca da caça, usando seu apurado e sensível olfato.

O perfume ficou mais forte e ela sentia a ansiedade da aproximação, mas ainda não descobrira sua fonte. Olhou na direção do mar... Um jovem, com um corpo maravilhoso, saía da água depois de nadar... Ele balançou a cabeça a fim de secar seu cabelo e Anya não acreditava... o aroma vinha dele!

Ela sempre fora uma garota tímida, recatada, mas seu corpo a impulsionou na direção daquele belo homem que chegava à areia. O perfume dele, uma mistura de doce e salgado fazia o corpo inteiro dela vibrar como nunca antes. Anya se surpreendeu consigo mesma quando se colocou sedutoramente diante do rapaz, que, surpreendido, a olhou com desconfiança, mas os olhos castanhos e brilhantes dela, o fizeram parar e sorrir...

Anya, sem dizer uma palavra sequer, passou a mão pelo belo corpo dele e encostou o nariz em sua pele... Era o aroma que a atormentava! Como em filmes que assistira, Anya o abraçou ardentemente e ele a puxou de volta para a água... O cheiro se acentuou e o sal estava na medida certa... A sensação olfativa era maravilhosa, mas ela tinha que experimentar...

Com o corpo colado ao do rapaz, ela o beijou no peito e no pescoço, sentindo o sal em sua língua, então... o mordeu até sentir que a pele dele rasgava sob seus dentes...

Estava ali o sabor que tanto procurara na noite anterior, o doce sangue do jovem que a fez pensar em frutas flambadas, temperado com o sal da água do mar, a perfeição... o sabor *agridoce*...

Simone Marques (São Paulo/Pernambuco)

simone.odete@uol.com.br

Escritora e Professora. Mestre em Educação. Autora de alguns livros de natureza ficcional. O conto aqui publicado, *Agridoce* foi ampliado e em breve se tornará um Romance de mesmo nome.

ESTÔMAGO: uma história de lamber os beijos

Por Isolda Herculano

O longa ESTÔMAGO, uma produção ítalo-brasileira do diretor Marcos Jorge, parece, em princípio, ser um filme com roteiro já explorado por outras bilheterias. Seu enredo conta a história de Raimundo Nonato, um nordestino que decide aventurar na cidade grande, feito milhares de conterrâneos seus, por não ver o Nordeste como uma terra de sorte. Mas toda história que se preze tem princípio, meio e fim – e, em se tratando de ESTÔMAGO, a primeira impressão é a que muda.

Que sorte haveria de aguardar um cidadão semi-analfabeto, sem um tostão no bolso e desprovido de boas procedências? Certamente, Nonato gastaria meses (anos até) na fila de espera pelo primor de um emprego formal. Mas a informalidade existe e é nela que o forasteiro consegue dar os primeiros passos de uma caminhada relativamente curta entre a miséria de sempre e a novidade da ascensão. Interpretado pelo jovem ator João Miguel – que estrelou produções como Cinema, Aspirinas e Urubus (2005) e O Céu de Suely (2006) – o personagem migra da inocência nata à sagacidade numa gradação tão brusca quanto imperceptível.

O centro das atenções no filme é, sem sombra de dúvida, a comida. Comer significa matar a fome, no seu sentido mais natural. Comer significa alcançar status, já que alguns pratos custam caro. E a comida significa, indeseavelmente, uma habilidosa forma de adquirir poder – quando o assunto é pesar a mão sem exagerar no tempero. Raimundo Nonato, que não poderia entender dessas definições, acaba aprendendo no labor diário, como preparador de coxinhas nos fundos de um boteco, que cozinhar é a arte da conquista. Mas é na refinada cozinha de um restaurante italiano que a disposição bruta do cozinheiro pode ser lapidada com o auxílio sem-igual de Giovanni (Carlo Briani), proprietário do estabelecimento e amante da arte culinária. É através dos ensinamentos do patrão que Nonato consegue adicionar a seu talento o conhecimento e a técnica que jamais teve.

Um envolvimento amoroso daria mais cor e sabor a narrativa, por isso o aparecimento da figura feminina numa realidade, até então, predominantemente masculina funciona como aperitivo, quando ainda é impossível imaginar elementos do prato principal. Neste contexto, aparece Íria (Fabíula Nascimento), gulosa prostituta que não vê problemas em negociar o corpo por uma gorda quantia de prazer gastronômico. Em algumas ocasiões, cobra bem barato: uma porção de coxinhas conservada em geladeira serve de adiantamento, desde que preparada por Nonato. O relacionamento dela com o cozinheiro interliga, de uma vez por todas, a gula e a luxúria – dois dos mais permissíveis pecados capitais.

No cerne do ambiente penitenciário, destino que garante o suspense do filme, é preciso galgar posições numa escala social pré-estabelecida e, muitas vezes, injusta – exatamente como acontece do lado de fora das grades. O protagonista, que deixa de ser Nonato para se tornar Alecrim, se vê diante de uma guerra declarada e decide lutar munido de garfo e faca: armas de sua única habilidade. A conquista paulatina de mais espaço é um momento esclarecedor para o cozinheiro perceber que, na vida e na arte, há os que devoram e os que são devorados. Ele prefere devorar. Ainda que mastigue vagarosamente o alimento, como mandam os manuais de etiqueta e a política da boa vizinhança.

ESTÔMAGO, uma fábula para expectadores adultos, explora o limiar humano na luta pela sobrevivência digna entre os prazeres da carne e a idoneidade moral. O filme mistura comédia, drama, alegoria e suspense, como se todos esses ingredientes fossem condicionantes para um succulento desfecho final. No fim das contas, pode se dizer que são, pois as cenas, além de marcantes pelos diálogos, cores, trilha sonora e atuação, parecem ter cheiros e aguçar outros campos sensoriais da percepção humana. Uma produção que desperta, no escuro e no frio de uma sala de projeção, a inquietante vontade de abandonar medidas calóricas, pavores ideológicos, e se fartar de tudo até o lamber dos dedos.

Isolda Herculano (Alagoas/ Bahia)

isoldaherculano@hotmail.com

Jornalista. O texto aqui publicado ficou em segundo lugar em um concurso de crítica cinematográfica na cidade de Maceió, Alagoas.

POEMAS DE SELMO VASCONCELLOS

MATA

Hoje me matas
violentamente
com este machado.

Mas,
amanhã das minhas flores
te farão uma coroa,
do meu caule
tua urna mortuária.

Aí sim,
irás ao encontro
da minha raiz.

ATRAÇÃO A TRAIÇÃO

Tão semelhantes
Porém tão distantes.

Tibete

Mundo longe
Mudo monge.

Século XVIII
Fomos amantes
Século XIX
Ficamos distantes
Século XX
Somos amantes.

O HOMEM NO MEIO SOCIAL

O Homem com toda fortaleza
é um fraco.

Enquanto está bem esconde
sua fraqueza.
Quando está só
Busca em Deus que tenha dó.

Reza, promete, implora,
Fala, grita e chora.

Selmo Vasconcelos (Rio de Janeiro/Roraima)

vasconcelloselmo@hotmail.com

Administrador, jornalista. Poeta, cronista, contista, antologista e divulgador cultural. Autor de vários livros. Tem também vários prêmios literários nacionais e internacionais.

MEMBRO FANTASMA

Por João Matias de Oliveira

- Ei, espera!

Rápido partindo feito bala para seguir o ônibus que parou no acostamento, os outros chegavam na frente dela, e ocupavam os melhores lugares. Sempre esquecida nos assentos de trás, regozijava-se ao menos com a paisagem do fundo em vidraça, de onde podia ver as pessoas que passavam, os carros que iam, a estrada que ficava.

- Você vai largar esse braço?

- Agora não, filha, está coçando.

- Coçando?

- Sim, coçando.

- Como coçando, o senhor não perdeu a ponta na máquina da fábrica?

- Que posso fazer se ele ainda coça? É como se ainda estivesse aqui.

A menina, secundarista do ensino médio de Campina Grande, perguntou-se como podia o membro cortado ainda coçar. Sabia que o pai estava na cidade por quatro dias, porém a novidade do braço cortado era surpresa que não esperava. Na saída do colégio, ônibus que passa ao meio-dia com passagens restritas que o pai aproveitou de um aluno faltoso, pai e filha conversam sobre os últimos dois anos.

- Sabe a tia Genoveva? Foi para a França.

- ...

- O marido ficou só, mas dizem as más línguas que arranjou outra...

- Pai, posso ver?

- Como?

- O braço, po.

- É um pouco feio, aconteceu há um mês só.

- Só uma pontinha.

- Aqui no canto...

- Hum... Ainda vou fazer medicina, sabia?

- Ah coisa boa, então é com a futura médica que eu me consulto agora?

- Tá feinho, mas passa, e coça mesmo?

- Coça.

- Como o quê, por exemplo, um mosquito picando, formigas andando, pozinho de urtiga, o quê?

- Eu não sei, ó, Geosolmina, é a sensação de o osso estar roendo a pele, sabe?

- Como um rato?

- Mais ou menos, mais ou menos como a sensação de belisco ou ranhura de dente.

- Mas como se não tem carne?

- Também sei que é isso não, sei que o doutor disse que psicológico, como chamam, que vai passando com o tempo, e vai ficando cotó, cotó, até ficar nesse tamanho aqui que dá agora pra ver, ou até um pouco mais, sei lá. Mas sentir eu sinto.

- Oxe... E se eu pegar assim...

- Passa direto, como nos filmes da televisão, o homem invisível, né? Daqui a pouco atravesso parede também.

- Apertar a mão não dá?

- Passa direto, mas eu sinto a sua mão na minha, mas passa direto se fizer força, como se entrasse na carne e saísse.

- Passando a mão no meu cabelo também?

- Eu passo, mas se fizer força eu acabo puxando teus miolos.

- E se acender uma vela embaixo?

- Dá pra sentir, mas não chega a doer.

- E água?

- Também sinto, mas não chega a molhar.

- Depois pede pra eu lavar mão pra comer! Lave as suas!

As risadas não chegam a incomodar os outros que seguem calados como um ônibus de escola jamais visto nos filmes de televisão. A menina aperta o braço do pai como lhe apertam o coração quando perguntam dele.

Ex-presidiário, meses em processo de readaptação. Não acreditava que ele fosse ali com ela. Os outros iam calados.

- Será que eles tão com medo?
- Medo de quê, painho?
- De mim, ué.
- Eles não têm pai também?
- Mas eu sou especial, matei uma pessoa.
- Quem sabe um deles não matou também e espera ser pego?

O ônibus pára em frente do colégio. De mãos dadas, pai e filha seguem pelo asfalto luzindo os rostos. Em casa, a mãe não acredita. Abraça, beija, roga preces. De novo uma família.

- Eles gozam de ti por mim, filha?
- Gozam, pai.
- Cê fica com raiva?
- Tanto não... Tanto faz...
- Mas você quer que eu vá lá falar com o diretor?
- Nem precisa, deixa eles.
- Tão pequena pro paizinho e já grande pra ver essas coisas assim, tô surpreso, visse.

A pequena Geosolmina olhava os talheres da mesa com curiosidade. A cara científica ainda perscrutava o braço do pai. “Catava os pêlos”, dizia quando perguntada. A primeira noite dos três em mesa juntos após 2 anos de afastamento. Já perdia-se na memória o sabor da comida paternal. O papo depois da janta encerrava 2 cigarros ou três na cerimônia da cadeira de balanço.

- Pai, e o presídio? Como é lá?
- Tem hora pra comer, pra sair, pra tomar banho e pra dormir, como você aqui.
- Então, o senhor tem pai lá dentro?
- Só o do céu, filha, me protege sempre.
- Do que, painho?

- Dos colegas, os colegas lá tiram sarro da gente, fazem coisas, muitas coisas ruins.

- Tem escola lá dentro?

- O presídio todo é uma escola, mas o pai é mal aluno, não carece de aprender.

- O senhor volta quando?

- Em uns 3 meses, mas oxalá me salve daquela praga em 2 anos.

O pai coçava o braço sentindo o gelado da noite no varandão. Ela pedia-lhe um alento que o pai dava, mas não percebia tanto o quanto estudava a origem e forma do braço fantasma. “Vai até aqui?”. “E aqui?”. “Sente isso?”. Sorrindo, contemplava a inocência da filha.

Distraída removendo asas à borboleta, Geosolmina não respondia aos espúrios mandões da meninada coxa de juízo. Era a filha do cotó preso nas Malvinas. Gritavam e gritavam. Queria ela um punhado de faquinhas quentes para cortar-lhes os dedos, um por um, e mandar assinar pedidos de desculpa ao pai.

De olhos atentos nos passos da minúscula partícula de vida que ensaiava infaustos vôos, mexia na borboleta enquanto ainda pensava no gato cujas patas cerradas engatinhavam pela grama rasteira do quintal. Mosca sem asa não voa. Lagarta pintada sem perna não anda. Cachorro cotó de rabo não ladra arisco como ladram os outros normais.

No último dia de estada do pai, ele a encontra no jardim a remexer com insetos:

- Você vai ser médica ou bióloga?

- Pai, seu braço ainda cresce?

- Não, filha. Em cristão nenhum o braço cresce, mas de um tempo eu tenho sentido ele diminuindo, diminuindo, diminuindo.

- ...

- Acontece que nossa alma cresce com o corpo, aí demora um tempo pra se perceber que não tem mais aquilo.

O último dia que passa na companhia do pai costura bordados para o braço caridoso. Sem lágrimas pros olhos, veste-o nos contornos do cotovelo

dele ouvindo impassiva, rosto de moça-mulher, que o braço atravessava o pano, e que este coçava, como um rato a roer as terminações nervosas. Ele não entende porque ela corre chorosa para o quarto.

A data de chegar o pai na rodoviária ela ainda prepara bordados de luvas, coberturas e compra anéis e pulseiras como se para um rei. Ele leva a bolsa carregada dos presentes, desiludido, achando louca a filha e exigente às esconsas que remetam-na ao médico de cabeça. O sol luzia como naquele dia do asfalto. O braço, se não coçava, suave e passava calor que, ela dizia, “pai, descubra pra pegar a brisa”. Nunca obedecia, o teimoso envergonhado.

Em um aceno antes de embarcar no ônibus, Geosolmina não o viu cobrir-se devido o ar-condicionado. Aquele dia não era de sol. Essa tarde nublada com indícios de chuva para o final da noite nublava os olhos da pequena. Eram brisas que cobriam o cume de árvores e arrastavam, junto de copos de plástico largados ao chão, um quê de dúvida na profundidade da lágrima que também se ia.

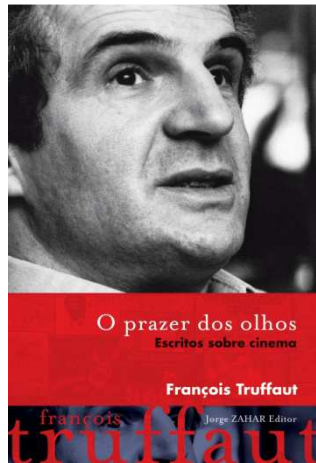
Não, o dia não era de chuva. Era de sol. Sim, de sol. O vento quente que passa pelos cabelos na partida do ônibus estranho, tinha agora certeza, era o pai abraçando com cinco braços cortados e o coração batendo vivo.

João Matias de Oliveira. (Ceará)

jota.matias@yahoo.com.br

Estudante de jornalismo e Ciências Sociais em Campina Grande. Tem publicado: *Aos Olhos dos Outros* (Ed. do Autor, 2007).

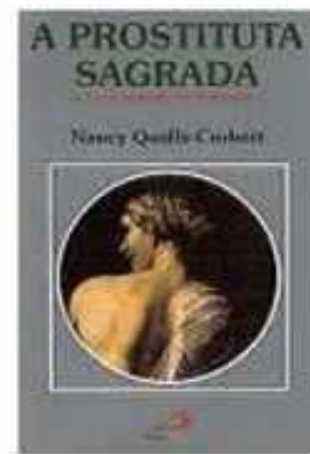
ESTANTE



O PRAZER DOS OLHOS: ENSAIOS SOBRE CINEMA, DE FRANÇOIS TRUFFAUT

Por Mirella Burity (Historiadora
Paraibana)

Ler “O prazer dos olhos. Escritos sobre cinema.” foi como estar em um café ou mesmo em uma reunião de amigos e escutar o que Truffaut tinha para dizer. O que ele pensava, o que ele gostava no mundo do cinema: diretores preferidos, escritores admirados, atores e atrizes que gostava de ver atuando e com quem sentia prazer em conviver. E como apaixonado pela sétima arte que era, podemos sentir em cada frase do livro sua paixão, sua audácia, seu amor pelo cinema. Ler sobre o seu prazer é ter o nosso.



A PROSTITUTA SAGRADA. NANCY QUALLS CORBETT

Por Ricardo Kelmer (escritor,
jornalista e Roterista Cearense
radicado em São Paulo)

O eterno feminino e sua relação com espiritualidade e sexualidade. Quando a Deusa do Amor era honrada (como Afrodite, Inana, Istar...), a percepção da sexualidade era também uma percepção do sagrado. Os rituais de louvor à Deusa iniciavam a mulher num novo nível de sua vida, preparando-a para as relações amorosas e equilibrando nela feminino e masculino, tornando-a uma em si mesma (o sentido original do termo "virgem" é justamente este). O mesmo ocorria aos homens que se iniciavam nos mistérios sagrados. Cada homem e mulher pode ser o sacerdote e a sacerdotisa do Amor em sua própria vida.

POEMAS DE FRANCISCO CABRAL JÚNIOR

ELENCO

Contemple agora sua imagem
Sobre a paragem fria da consciência
Quanto de você mesmo é personagem
E quanto dessa bobagem é incoseqüência?

Qual a pesagem limite da hipocrisia?
Medida na fôrma da incredulidade?
E até onde se sustentam
Os pilares de civilidade?

A sociedade é um imenso teatro
Onde somos meros mímicos a gesticular
Pensamos que são nossos os pensamentos
Quando eles já os mudaram de lugar

Ideologia, máscara assimétrica
Que teima em me sufocar
A cada dia te percebo mais.

*“Que dias há que na alma me tem posto/ um
não sei o quê, que nasce não sei onde,/ vem
não sei como,/ e dói não sei porquê.”*

Camões

POEMA INDEFINIDO

Alguém
Em algum (qualquer) lugar
Um dia
Me disse
Que é preciso suportar

O tédio...
O censo comum...
O vômito dos bêbados....
A poeira nos móveis imóveis....

Cuspi no chão
Mas tropecei numa pedra;

Chutei a pedra
E machuquei o pé

Deitei no chão, raivoso
O chão me recebeu, frio

Ação e reação
Canção sem melodia
Poesia sem sentido
Resmungos sem causa:
Indefinição.

ELEGIA NOTURNA (ou Lua em Sangue)

É noite...
Uma coruja de prata desmancha-se em silvos agourentos;
Seu vô sonoro desperta metáforas e tormentos
E me faz olhar para o céu de fantasmagórico negrume

A treva desce seu véu silenciosamente
Como uma navalha monstruosa em corte
Me dando a terrível sorte
De ver meus versos sangrarem

Confesso-te:
Ando cansado de atribuir sentidos vãos;
Construir masmorras para a minha corrupção
E erigir filosofias para minha evolução

Estou farto de maldizer os pecados
Que estou cansado de tanto cometer
Sorvo amargamente a sopa rala da realidade
Toda cheia de ossos pontiagudos

O eufemismo perde agora o seu verniz
A fatalidade me ergueu pela raiz
A realidade esmagou as uvas da estação
Com seus dedos grotescos e rudes
E o suco nutritivo escorreu pelo ralo

Decerto guardaram a arte n'algum baú
E o baú enterraram no solo lunar
Depois esconderam a lua sinistramente
Para que a luz do dia não a pudesse encontrar...

A PROCURA DA MODERNIDADE

**Baseado nos poemas *Procura da Poesia e O lutador*,
de Carlos Drummond de Andrade**

Fazer poemas no computador
Talvez seja a tarefa mais indigna;
Enquanto digitamos, mal rompe a manhã.
As teclas são muitas
Os dedos são poucos!

Meus pensamentos trafegam rápidos
Resistem aos pífos gigabytes do processador
E odeiam a ampulheta, que indica
Indiferente ao palavrão
Pobre ou revoltante que lhe deres:
Aguarde mais um momento...

Teclados, teclados
(digo enlouquecido)
Se paralisas
Aperto o *reset*!

DESEJOS

Hoje sou todo reticências
Privei-me da propriedade privada
Para me engajar em um mundo particular

Hoje encontrei os fantasmas da ausência
E as armadilhas de meus desejos
Flutuando numa xícara de café

Hoje canto, pois estou privado
Da liberdade em que estou
Auto-exilado

Hoje estou machucado
Mas ainda assim quero ser amado
Ainda assim a minha realidade está
Grávida de aspirações

Hoje encontrei algumas razões
Não mais que devaneios tolos
Para criar os objetos de meus anseios

Hoje sou todo reticências
E ponto final.

Francisco Cabral Júnior
(Rio Grande do Norte/Paraíba)

cabraljunior6@gmail.com

Estudante de Medicina em Campina Grande, PB. Tem pronto o livro
Equilíbrio, uma miscelânea de contos, ensaios e poemas.

A TRANSNEGRAÇÃO DE ARNALDO XAVIER

Por Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

1. INTRODUÇÃO.

Há cerca de dois anos iniciei uma pesquisa referente à história do movimento cineclubista em Campina Grande¹. Nesta pesquisa acabei conhecendo pessoalmente vários dos ex-cineclubistas campinenses nas décadas de 1960 e 1970, entre eles o jornalista Aderaldo Tavares. Em conversas várias que tive com ele, - a maioria informais, - havia sempre uma referência efusiva a um dos seus companheiros da época, um poeta que pertencera ao cineclubes Glauber Rocha, e que seria um dos mais brilhantes participantes daquela geração. Seu nome: Arnaldo Xavier.

Arnaldo França Xavier nasceu no bairro de Santo Antonio, em Campina Grande, na Paraíba, em 19 de novembro de 1948. Além de participar do Cineclubes Glauber Rocha, tendo como companheiros nomes como José Neumann Pinto e Agnaldo Almeida, além do já citado Aderaldo Tavares, o poeta pertenceu ao Grupo Levante, de tendência Marxista. Ainda jovem, migrou para São Paulo, cidade que jamais abandonaria e pela qual sempre nutriu uma grande paixão. O escritor estreou na poesia com 25 anos, na série *Violão de Rua*, publicada no início da década de 60, pelo CPC- Centro Popular de Cultura- da UNE.

O poeta campinense publicou ainda os livros de poemas *Boleros Pretos*, *A Roza da Recusa*, e *Ludlud*, deixando ainda inédito um livro de poemas chamado *HEKATOMBLU*. Além da poesia, Xavier lançou em 1988, em parceria com Luiz Silva Cuti e Miriam Alves a peça *Terramar*, e em 1993

¹ A História do Cineclubismo em Campina Grande tem sua origem no ano de 1964, com a criação do Cineclubes Campina Grande. Anos depois foi criado o cineclubes Glauber Rocha, com características mais politizadas.

publica o livro *Manual de sobrevivência do negro no Brasil*, ilustrado pelo chargista Maurício Pestana.

Diante da descoberta de Arnaldo Xavier percebi a necessidade de estudar a sua obra e o seu papel na literatura brasileira. Desta forma, a finalidade deste artigo será investigar o lugar de Arnaldo Xavier no campo literário brasileiro e na própria literatura afro-brasileira durante a década de 1990. Antes de tudo é necessário deixar bem claro que este trabalho esta no processo inicial de seu desenvolvimento, e abordará de forma genérica a questão, trazendo apenas reflexões com diálogos permanentes com outros estudiosos da obra de Arnaldo Xavier, a exemplo de Vinícius Lima. Um trabalho deste se justifica devido ao ostracismo da qual a obra deste poeta campinense é vítima em especial na cidade de Campina Grande, sua cidade natal.

Com relação à abordagem teórica trabalharemos com a concepção de campo de produção cultural segundo o sociólogo francês Pierre Bourdieu. Antes de falarmos sobre as características da própria obra de Arnaldo Xavier vamos compreender as definições de Bourdieau de campo literário.

2. CAMPO DE PRODUÇÃO CULTURAL.

A noção de campo de produção cultural, criada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, pode ser compreendida como um espaço social onde estão situados os que produzem obras (escritores, poetas, jornalistas, etc.) e o valor intrínseco destas mesmas obras, em relações recíprocas no transcurso de suas atividades. Para o sociólogo, autor de um conjunto de obras bastante diversificada, que abrangeu, durante décadas, temas que foram desde moda até as epistemologias das ciências humanas, alguns pressupostos devem ser inicialmente entendidos quanto aos princípios da construção do conceito. O primeiro se refere aos rompimentos com referências comuns ao mundo social e à literatura, como “meio”, “contexto” ou “pano de fundo”, nas quais, segundo Bourdieu (2004) a história social da arte e da literatura se contenta.

A essência do conceito está na concepção que todo campo tem seus “*dominantes e seus dominados, seus conservadores e sua vanguarda, suas lutas subversivas e seus mecanismos de reprodução*” (BOURDIEU, 2004, p.170). Portanto, há uma aproximação por parte de Bourdieu entre o campo literário com o campo político, visto que, segundo o sociólogo, tanto um campo como o outro, trata-se entre suas práticas de uma questão de poder. “*Aqui como em outros lugares observam-se relações de força, estratégias, interesses, etc.,*” (Idem, p.170).

Estas relações de força podem ser exemplificadas muitas vezes nas próprias regras que são criadas para a publicação, por exemplo, quando um autor consagrado faz um comentário positivo ou um prefácio elogioso, a um livro de estréia de jovem escritor ainda desconhecido. A estratégia existiu e implicou certos interesses políticos internos dentro do próprio campo. Esta estratégia esta ligada à questão do reconhecimento de uma obra e da entrada de seu autor por parte do campo. Portanto existem traços equivalentes entre o campo político e o literário. Nas palavras de Bourdieu (2004)

O campo literário é simultaneamente um campo de forças e um campo de lutas que visa transformar ou conservar a relação de forças estabelecida: cada um dos agentes investe a força (o capital) que adquiriu pelas lutas anteriores em estratégias que dependem, quanto á orientação, da posição desse agente nas relações de força, isto é, de seu capital específico. (Bourdieu, 2004, p.172).

O capital simbólico, citado acima, seria o capital de reconhecimento ou de consagração, institucionalizada ou não, que os diferentes agentes e instituições conseguiram acumular no decorrer das lutas anteriores, ao preço de um trabalho e de estratégias específicas. O campo seria então um conceito que relaciona as bases de relação entre os indivíduos e seus mesmos, pois o campo de produção cultural é um espaço social que reúne diferentes grupos de literatos, romancistas e poetas, que mantêm relações determinadas entre si e também com o campo do poder, pois ninguém pode

se colocar fora de um campo literário. Mesmo aqueles que vão de encontro às regras estabelecidas das letras, se encontram dentro de um campo diverso e de negação das unidades intelectuais formais.

A teoria do campo literário de Bourdieu pode ser visto como uma tentativa de evidenciar que ali onde pensávamos que havia um sujeito livre, agindo de combinação com sua pretensão mais imediata, na verdade o que existe é um espaço de forças estruturado que molda a capacidade de ação e de decisão de quem dele faz parte. É, pois, contra certa concepção de *autonomia do sujeito* que Bourdieu se insurge de modo enfático. E, ao longo de seu trajeto intelectual, ele elegeu sucessivos objetos onde seria admissível detectar a validade de uma subjacente rede de relações coagindo os sujeitos: a educação, a moda, a televisão, a produção intelectual e artística de uma época etc.

Desta maneira, o que se entende é que Bourdieu compreende então a sociedade como um campo de batalha operando com base nas relações de força manifestadas dentro da área de significação. Atitudes, práticas, grupos de poder e decisão, estruturação de imagens informam o campo ideológico de uma dada cultura e, para compreendê-lo o sociólogo reconduz, de forma original, o estudo da simbolização às suas bases sociais. Desta maneira, a “sociologia simbólica”, no dizer de Miceli (2005) de Bourdieu considera a cultura como um instrumento de poder, isto é, de legitimação da ordem vigente.

A aproximação com o pensamento de Chartier é exemplificada na noção de lutas dos grupos de agentes cujos interesses materiais e simbólicos representação a autoridade sobre uma representação. É o poder de certas classes ou grupos sociais de criar determinadas representações do mundo; representações essas que os agentes incorporam, capazes de propiciar justificativas simbólicas para a posição que ocupam. Para Bourdieu (2005) as representações possuem uma existência material e, em geral, traduzem-se em atos e práticas.

As leis que regem o acesso e o êxito no campo intelectual e artístico estudados por Bourdieu através de seu estudo sobre a obra de Flaubert e a

sua posição enquanto escritor no século XIX, na França, traduzem sua preocupação neste sentido, pois para ele

(...) é preciso situar o corpus assim constituído no interior do campo ideológico de que faz parte, bem como estabelecer as relações entre a posição deste corpus neste campo e a posição no campo intelectual do grupo de agentes que o produziu” (2005, p.186).

Bourdieu fala, ainda, em uma Ciência rigorosa dos fatos intelectuais e artísticos que teria três momentos necessários: 1) uma análise da posição dos intelectuais e dos artistas na estrutura da classe dirigente; 2) uma análise da estrutura das relações objetivas entre as posições que os grupos colocados em situação de concorrência pela legitimidade intelectual ou artística ocupam num dado momento do tempo na estrutura do campo intelectual; 3) Construção do *Habitus* como sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes.

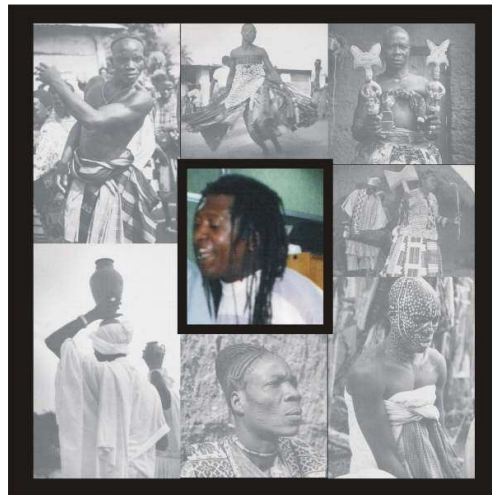
Um conceito-chave para a compressão do pensamento de Bourdieu e sua noção de representação social, é o de *Habitus*. Para o sociólogo *Habitus* seria um “(...) *sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto de práticas e das ideologias características de um grupo de agentes.*” (2005, p.191).

Esse conceito permite entender as relações que os grupos de coisas assim classificadas mantêm uns com os outros, sendo a reprodução social, que é um efeito desta relação, um papel estratégico que o processo de socialização desempenha através das agências educativas, seja o sistema de ensino, seja através dos meios de comunicação de massa, seja a inculcação familiar.

Uma das formas de poder dentro do campo intelectual é justamente a escrita e a leitura. Sua prática representa então uma maneira de designar

certos habitus socialmente constituídos, condições inerentes à posição ambígua da fração intelectual e artística na estrutura das frações das classes dominantes.

3. A TRANSNEGRAÇÃO



Em destaque a foto do Poeta Arnaldo Xavier.

A literatura de Arnaldo Xavier é definida pelos poucos críticos que o analisaram como sendo uma literatura engajada, centrada na denúncia social e na valorização do negro na literatura afro-brasileira. Poeta de linguagem experimental Xavier acabou infelizmente figurando a margem do cânone literário brasileiro e, paradoxalmente, da literatura afro-brasileira fruto da polêmica postura que este teve frente à cultura brasileira e a literatura negra mantendo um diálogo com as poesias visuais, principalmente com o Poema-Processo e a Poesia Práxis, desenvolvendo, portanto uma obra de cunho intersemiótico, como bem se referiu Vinicius Lima.

Outra característica de sua poesia é a presença constante da ironia e da postura irreverente e mordaz da sociedade brasileira. Este humor ferino é uma herança do negro abolicionista Luiz Gama, sua principal referencia literária e militante. Nas palavras de Vinicius Lima, até o momento seu principal comentador e analista literário, "Xavier destrói/constrói a linguagem, deformando as frases feitas, os ditos populares, sempre lançando

mão da ironia e humor. Arnaldo Xavier trabalha o poema como um objeto lúdico, brincando com as sonoridades das palavras.” Um exemplo que podemos citar é este poema:

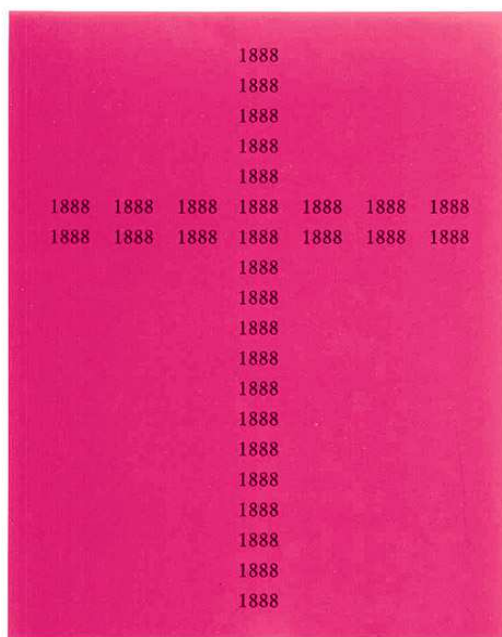
subsenhor Filá amarelo brasa **esconde** 2 olhos 3
dentes
apocalíricos cravados costela **por** **costela** como se escada
caminho
fosse encruzilhada Totem destrói Tabu **Terrestre demole**
Celeste
Cômico come Cômico Denotativo detona Conotativo
Yin
defloradentra Yang Abutre dilacera **Abutre** NegrRo engole
Grego
(XAVIER, 1997: 18).

Como se percebe um jogo semiótico complexo em sua poesia, marcada pelo experimentalismo. Todavia, de todos os seus livros o mais conhecido é o *Manual da Sobrevivência do Negro no Brasil*, obra de cunho extremamente crítico. Lançado em 1993 o livro permanece até hoje esperando uma análise amais profunda de sua importância. Podemos considerar Arnaldo Xavier como um poeta marginal na acepção mais precisa da palavra. Ele mesmo se referiu a sua militância literária e negra como sendo *Trasnegração*.

Falecido em 2004, e vítima injusta de um estranho ostracismo, desde que tive contato com a história de vida e principalmente a sua obra, me vi na necessidade e obrigação intelectual de reaver a importância deste poeta injustamente esquecido. Militante negro, vanguardista literário, Arnaldo Xavier merece ser conhecido e reconhecido por suas atividades de militante literário e negro no Brasil.

O seu poema, *Sem título*, criado em comemoração aos 100 anos da abolição da escravatura em 13 de maio de 1888 mostra como é possível fazer a crítica social, uma poesia engajada sem abandonar a preocupação estética e experimental da poesia. Passados 100 anos da abolição Xavier denuncia as condições sociais e econômicas dos negros do Brasil, gritando com cores

aberrantes e com um jogo semiótico belíssimo de cruces as falhas dos governos neste mesmo período. É bom lembrar que na época em que Arnaldo Xavier produziu o seu poema Sem Título, estávamos no auge do debate sobre a construção do texto da constituição brasileiro de 1988, num período de debate e de luta das chamadas minorias, entre elas os negros e os índios.



O Poema Sem Título, 1988.

O poeta utiliza-se do *caligrama*, um estilo de poema figurativo muito utilizado ao longo de toda história da poesia visual e que consiste na disposição tipográfica das palavras, letras, e neste caso, de números, de forma a obter uma sugestão figurativa semelhante ao que está sendo tratado no poema como tema. Como paraibano ilustre, e desconhecido que é, acredito que um dos méritos deste evento será reerguer a memória deste poeta, que em minha opinião merece dignamente uma homenagem, a alusão ao seu nome, aos seus feitos. Penso que uma das minhas funções aqui na terra é essa: mostrar a importância deste homem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Como já nos referimos no tópico sobre as noções de campo de produção cultural, uma noção idealizada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, o jogo de relações de força exercida pelos sujeitos participantes podem fazer que um escritor possua uma carreira de visibilidade ou não, conquistando assim sucesso e representação dentre os membros. No campo literário há os dominantes e os dominados, os conservadores e os de vanguarda, as lutas subversivas e os mecanismos de reprodução cultural. Arnaldo Xavier preferiu seguir a tribo dos transgressores, dos polêmicos, dos experimentalistas.

O campo de produção cultural é um espaço social que reúne diferentes grupos de literatos, romancistas e poetas, que mantêm relações determinadas entre si e também com o campo do poder, pois ninguém pode se colocar fora de um campo literário. Mesmo aqueles que vão de encontro às regras estabelecidas das letras, se encontram dentro de um campo diverso e de negação das unidades intelectuais formais. Arnaldo Xavier através de sua militância negra, chamada por ele inclusive de Trasnegração e de sua poesia totalmente diferente de tudo que já foi produzido na História da literatura brasileira optou por uma poética crítica e semiótico. Desta maneira, compreendemos que as posições radicais de Arnaldo Xavier frente à cultura brasileira e a literatura negra o conduziram a uma condição de marginalidade dentro do cânone literário brasileiro e da própria literatura afro-brasileira.

5. REFÊRENCIAS BIBLIOGRAFICAS:

AUGUSTO, Ronald. *Axévier, contralamúria*. Germina Literatura, ano III, edição 21. São Paulo, Nov. / Dez 2006. Disponível em: http://www.germinaliteratura.com.br/literaturara_nov2006.htm . Acesso em: 21 jan. 2008.

BOURDIEU. Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 2005.

_____. O Campo Intelectual: um mundo à parte. *IN: Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004. P.169-180.

FILHO, Domício Proença. *A trajetória do negro na literatura brasileira*. Estud. Avenida, São Paulo, v. 18, n. 50, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017&lng=en&nrm=iso>. Aceso em: 31 Jan. 2008.

LIMA, Vínicius. A Transgressão de Arnaldo Xavier IN: <<http://www.cronopios.com.br/blogdotexto/blog.asp?id=2456>>. Acessado em 18 de Março de 2008.

XAVIER, Arnaldo F. *LUDDLUD*. São Paulo: Casa Pyndahyba, 1997.

Bruno Gaudêncio (Paraíba)

gaudencio_bruno@yahoo.com.br

Jornalista e Poeta Campinense. Editor do Blogue Mal Estar Imperfeito.